

Estudos do DECOPE indicam que aumentos nos custos operacionais, queda na produtividade e necessidade de investimentos exigem recuperação nos fretes rodoviários de carga

Em fevereiro deste ano noticiamos a recomendação aos usuários de serviços de transportes de cargas de que revissem as suas políticas de contratação de fretes rodoviários. Isto porque as empresas que operam neste setor vinham obtendo margens insuficientes para bancar o aumento na complexidade das suas operações e os investimentos necessários para garantir o seu próprio futuro. Alertávamos que aquela situação viria a comprometer, no curto prazo, o suprimento das demandas da indústria e do comércio. À época, a necessidade de recuperação fora estimada em 18%.

Desde então, a maior parte do mercado tem se mostrado compreensivo com as necessidades das empresas transportadoras, mas de forma ainda insuficiente, prova disto é que ainda não se vislumbrou no setor a esperada recuperação de margens que aquela medida pretendia, pois:

- os percentuais de repasse aos fretes, por pressões dos clientes, foram e muitos casos inferiores aos valores solicitados;
- tem havido significativa elevação nos custos das empresas, em razão de perdas na produtividade, devido a fatores como restrições à circulação nos grandes centros, barreiras fiscais e suas ações nos terminais das empresas, questões trabalhistas, dentre outros;
- além dos fatores acima, que não são facilmente mensuráveis, os custos operacionais de março a julho, apurados pelo índice INCT, cresceram mais 5,5% neste período;

Por tudo isso, estima-se que ainda persiste no mercado uma defasagem de pelo menos 5%, a qual deve ser acrescido o INCT do período, resultando em um repasse aos fretes, em caráter de urgência, de 10,5%.

Por outro lado, temos verificado que muitos usuários ainda não remuneraram adequadamente o transportador com relação a custos e serviços adicionais, não contemplados nas tarifas normais.

Se enquadram nesta categoria: o elevado tempo de espera para realizar carga e descarga (TDE), os serviços de paletização e guarda/permanência de mercadorias, uso de escoltas e planos de gerenciamento de risco customizados, o uso de veículos dedicados, dentre outras.

Muitas vezes os custos com esses serviços são superiores ao próprio frete arrecadado, logo, trata-se de situação injusta e inaceitável, que precisa ser equacionada entre as partes.

Finalizando, estamos novamente próximos de um período de final de ano, onde as demandas crescem e os gargalos logísticos se estreitam, razão pela qual recomendamos que contratantes e os transportadores encontrem o equilíbrio em suas relações comerciais, sobretudo neste momento, sob pena de se verem, novamente, diante de situações de difícil e onerosa solução em suas operações.

São Paulo, 31 de agosto de 2010.